



UFV

INFORMA

EDITADO PELA IMPRENSA UNIVERSITÁRIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
VIÇOSA - MINAS GERAIS - BRASIL

Ano 8

Sexta-feira, 18 de junho de 1976

N.º 431

Empresários gaúchos visitam o DETAL

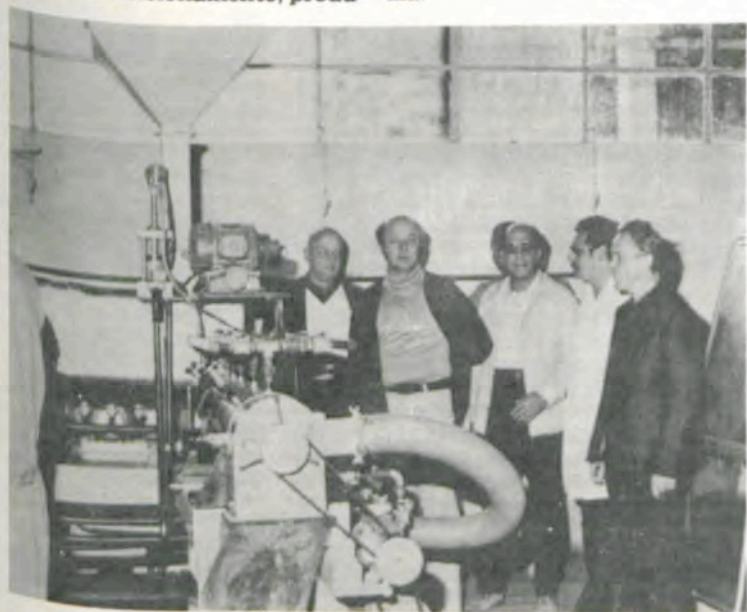
Empresários de Porto Alegre, ligados às áreas de moagem de trigo e de indústrias químicas, visitaram a Universidade Federal de Viçosa com o objetivo de observar o desempenho de equipamentos de fabricação de «carne» de soja e amido pré-gelatinizado. Todo o equipamento é fabricado na Italmecânica Indústria e Comércio de Máquinas Ltda., com sede em Belo Horizonte.

Satisfeitos com o desempenho do maquinário e baseados nos testes realizados no Departamento de Tecnologia de Alimentos, sob orientação do professor Dilson Teixeira Coelho, os empresários gaúchos estão adquirindo uma unidade para fabricação do amido pré-gelatinizado. Dentro de quatro meses entra em funcionamento, produ-

zindo 20 toneladas diárias do produto que será empregado na fabricação de papel e na perfuração de poços petrolíferos.

A Italmecânica é a única produtora nacional de tais equipamentos, conta com o apoio da Financiadora de Estudos e Projetos da Secretaria de Planejamento da Presidência da República e com a colaboração da Universidade Federal de Viçosa.

A primeira fábrica a ser instalada no País, com a totalidade dos equipamentos da Italmecânica, está sendo construída em Ribeirão Preto, São Paulo. Já tem cinquenta por cento de sua produção colocada no mercado externo, quase seis meses antes de sua inauguração oficial. Ela terá a capacidade de fabricar 15 toneladas de «carne» de soja por dia.



Eles vêem a fabricação da «carne» de soja.

Mais um doutor em Zootecnia

O estudante Roberto M. Cardoso, que está fazendo curso a nível de Doutorado em Zootecnia (Nutrição Animal), concluiu seus exames de qualificação, realizados no período de 14 a 31 de maio de 1976.

Atualmente, prepara-se para a defesa de sua tese intitulada «Consumo e Potencial de Produção de Leite, por Vacas em Lac-

tação, em Pastagem de Capim Gordura (*Melinis minutiflora*, Bauv) Fertilizada».

Assim, a partir de julho de 1976, o Departamento de Zootecnia da Escola Superior de Agricultura da Universidade Federal de Viçosa formará o terceiro técnico a nível de Doutorado no Brasil.

Autoridades universitárias na UFV

A universidade Federal de Viçosa (UFV) tem atraído a atenção de diversos administradores universitários de todo o País. Muitos vêm observar o funcionamento do complexo universitário que se ergue aqui, objetivando levar experiências para as suas Instituições, numa prova incontestada de que a UFV possui maturidade suficiente para exportar «know-how» nos campos do ensino, pesquisa, extensão e administrativo para as suas congêneres.

Anteontem, por exemplo, visitaram a UFV duas representações universitárias. Uma, da Universidade Federal do Espírito

Santo, composta pelo vice-reitor Léo de Souza Ribeiro e pelos professores Rômulo Augusto Pereira e esposa, sub-reitor comunitário, e Aldo Franklin dos Santos (ex-aluno da UFV), do Departamento de Matemática e Estatística do Centro de Estudos Gerais daquela Universidade. A outra representação que esteve aqui foi da Universidade de Uberlândia, e estava formada pelos professores Gladstone Rodrigues da Cunha Filho (reitor), Antonino Martins da Silva Júnior (vice-reitor), Reny Simão (presidente da Comissão de Ensino) e J. B. Lopes Ribeiro (Relações Públicas).



Os professores da UFES foram recebidos pelo reitor Antônio Fagundes de Sousa.



O reitor também concedeu audiência aos professores de Uberlândia.

Universidade prorroga prazo de inscrição para concurso

O Suplemento Especial do UFV INFORMA, que circulou anteontem, publicou o edital que prorroga para até às 18h do dia 30 de junho de 1976 o prazo para a inscrição ao concurso de títulos e provas com vistas ao preen-

chimento de 70 vagas na classe de professor titular e 30 vagas na classe de professor adjunto, constante dos editais publicados no mesmo Suplemento, número 427, de 20 de maio de 1976.

Os cinquenta anos da Univ

Vimos falando, freqüentemente, que a Universidade Federal de Viçosa teve a sua fundação inspirada no funcionamento dos «Land Grant Colleges» dos Estados Unidos, que, naquele país, conseguiram colher excelentes resultados.

O sistema foi trazido para o Brasil, conforme desejo do Presidente do Estado de Minas Gerais, dr. Arthur da Silva Bernardes, sendo adaptado às necessidades e realidades do País, apoiando-se, principalmente, em seus princípios básicos de ensino, pesquisa e extensão, por isso vamos falar sobre sua história, neste número, para que se possa ter melhor conhecimento da origem da filosofia básica da UFV.

O «Land Grant College» americano

A respeito do «Land Grant College», diz o Serviço de Divulgação e Relações Culturais dos Estados Unidos: «Há um século, no ano de 1862, o presidente dos Estados Unidos, Abraão Lincoln, assinou três documentos decisivos. Todos tinham raízes profundas em sua época e sua terra, mas possuem até os nossos dias importância imorredoura no mundo inteiro. Um desses documentos foi a Proclamação de Emancipação, que pôs fim à escravidão sob a bandeira dos Estados Unidos. O outro foi a Lei de Reforma Agrária, que transferiu do Governo para as mãos de centenas de milhares de camponeses do Oeste norte-americano a posse de 93,6 milhões de hectares de terras. O último documento foi a Lei de Doação de Terras para Estabelecimentos de Ensino Superior (Land Grant College Act), graças à qual o Governo doava mais terra aos estados com a condição de que as vendassem e, com o produto dessas vendas, criassem Faculdades de Agronomia e de Artes Mecânicas.

Essas três decisões históricas foram tomadas por uma jovem democracia a debater-se em uma lon-

ga e sangrenta guerra civil cujas conseqüências ninguém poderia prever. Cada uma tinha relação lógica e histórica com as outras. A abolição da escravatura era uma afirmação real de que todos os homens foram criados iguais, como o haviam proclamado as colônias americanas, quase um século antes, em sua Declaração de Independência. E mais, se os homens deviam, na verdade, ser iguais, então tinham direito a iguais oportunidades econômicas. Daí haver o governo norte-americano doado terras aos cidadãos do país, com o objetivo de fazer com que os estabelecimentos agrícolas fossem possuídos e administrados pelas famílias camponesas, de preferência ao sistema de cultivo de grandes plantações por assalariados a serviço de proprietários ausentes. E se os homens deviam ser produtivos, ao mesmo tempo que cidadãos livres e iguais, então era-lhes indispensável o acesso ao tipo de educação orientada para o trabalho de sua escolha, quer nos campos como nas fábricas.

Esta é a estória das academias e universidades norte-americanas, surgidas graças à doação de terras de propriedades do governo, duran-

te o primeiro século de sua profícua existência. A idéia de uma universidade pública que lecionasse disciplinas práticas paralelamente às disciplinas tradicionais, portas abertas para todos, sem distinção, era inteiramente nova. Ninguém a tinha posto em prática, um século atrás. Coroadado de êxito nos Estados Unidos, este novo tipo de universidade está hoje em dia servindo a todo o gênero humano. Lançemos, portanto, um olhar à história, percorrendo todo o passado dessas universidades, a fim de compreendermos como e porque prestaram ajuda a todos «os que, voltados para o cimo da montanha, desejam empreender a sua ascensão». Pois este foi o sonho de Justin S. Morrill, o parlamentar norte-americano que elaborou o «Land Grant College Act», há cem anos.

Ao começar sua existência histórica, os Estados Unidos da América criaram um sistema político completamente diferente do que era conhecido no Velho Mundo, de onde vieram os primeiros povoadores da terra. Mas as instituições educacionais da nova República, muitas das quais fundadas nos dias coloniais, orientavam-se precisamente pelos padrões europeus. Como o saber ainda era em grande parte apanágio da Igreja, todos os primeiros estabelecimentos de ensino superior nos Estados Unidos foram fundados, mantidos e administrados pelas várias seitas religiosas que floresciam naquele solo livre. Os currículos ainda eram, em grande parte, os mesmos das grandes universidades da Idade Média — filosofia, teologia, matemática, línguas antigas e literatura.

O objetivo da academia da época era preservar e passar adiante a tradição e não incentivar o espírito de pesquisa e promover as transformações. Continham, normalmente, os currículos um pouco de ciência natural; mas, até 1850, não havia uma só faculdade nos Estados Unidos que possuísse um laboratório de qualquer espécie. Desconheciam-se o estudo superior; e os que haviam feito seus estudos secundários — todos, naturalmente, do sexo masculino — levavam para a faculdade pouco mais do que uma instrução escolar elementar.

Não obstante, traços de um novo padrão educacional começavam a despontar aqui e ali, através dos Estados Unidos, durante as décadas que precederam a Guerra Civil. O movimento pró-escola pública estava proporcionando, pelo menos, uma educação rudimentar a muitos, por força de um dever cívico. Quando, no caso Dartmouth College, aplicaram-se os dispositivos da Constituição dos Estados Unidos relativos à separação entre a Igreja e o Estado, tornou-se ponto pacífico, daí por diante, que os estabelecimentos superiores religiosos deviam permanecer livres da ingerência governamental. Por outro lado, os estabelecimentos de ensino oficiais eram obrigados a evitar todo e qualquer sectarismo. Algumas faculdades começaram a aceitar alunos do sexo feminino e a introduzir, em seus currículos, disciplinas como Engenharia e Agronomia.

Em 1824, um homem de grande descortínio, Steven van Rensselaer, fundou um instituto com a fi-

nalidade precípua de aplicação aos objetivos comerciais». Iniciada em Troy, Nova Iorque, como instituto nômico, o Instituto P. Rensselaer logo transformou-se na primeira escola de engenharia dos Estados Unidos, situada hoje, entre as melhores. Seu principal propósito», escreveu o fundador, «é preparar profissionais para ensinar aos filhos dos lavradores e artesãos, em conferências ou de qualquer meio, a aplicar a química, a filosofia e a história na agricultura, na economia doméstica, nas artes e na indústria. Sob tais aspectos, o instituto diferia frontalmente dos clássicos estabelecimentos que nunciava o surgimento de faculdades e universidades lan-

P. H. Rolfs

Em 1920, o Presidente do Estado de Minas Gerais pediu ao Embaixador do Brasil em Washington, José Cochrane de Albuquerque, que «conseguisse através do Embaixador do Estado, a indicação de um especialista capaz de organizar e dirigir uma Escola Superior de Engenharia moderna», tendo o Sr. Peter Henry Rolfs (B.Sc. in Science, Master of Science of Science) aceito o cargo pelo Embaixador, chegando ao Brasil de Janeiro a 4 de fevereiro de 1921.

De acordo com o Sr. Rolfs, além da direção da Escola Superior de Engenharia, ele especificou de colaborar com o pessoal do local e de apresentar os planos das construções e programas gerais de ensino para os cinquenta Anos da Universidade Federal de Viçosa — I».

Reminiscência dos Rolfs

Um registro histórico (1939), referindo-se ao cargo de Embaixador do Brasil em Washington, o Sr. P. H. Rolfs, explica que «primeiro foi lembrado o dr. Eugene Davenport, então «Dean» da Escola Superior de Agricultura do Estado de Illinois. Foi considerado Davenport como sendo o melhor, pois tinha servido no cargo de professor, no Estado de São Paulo, antes do estabelecimento da «Escola Agrícola Luiz de Camargo».

O dr. Davenport não aceitou o cargo, dizendo ser velho e não queria aceitar cargo tão pesado. Foi então lembrado o Sr. Romel, especialista em Engenharia, do Departamento de Agricultura do Estado de Florida, ao ser consultado a respeito de vir ao Brasil. Romel também não queria ir ao Brasil. Igualmente não quis ir ao Brasil, pois não queria interromper suas pesquisas científicas em um país não especializado. Grande foi a surpresa do dr. Rolfs, então Embaixador do Brasil, ao ser informado do Sr. Rolfs, então Embaixador do Brasil, ao ser consultado a respeito de vir ao Brasil.

Brasil, País longínquo, não nos seus sonhos mais, pensava conhecer! Mas, em janeiro de 1921 embarcou para o Brasil, com toda a sua família.

Chegando ao Rio de Janeiro, encontrou os drs. Arduíno de Albuquerque e Alvaro Silveira. O Rio de Janeiro



O dr. Peter Henry Rolfs.

idade Federal de Viçosa - XIII



A Universidade Federal de Viçosa, em 1939, na época ESAV.

carneval, sendo necessário lá
rar, uns dias, antes de seguir
Belo Horizonte. Estabelecido
ande Hotel, em Belo Horizon
neçou o estudo de problemas
áveis, tais como: uma pro
por parte do Governo, de
o se poderia inverter no em
dimento; o número de alunos
evia comportar o Estabeleci
nos primeiros anos; a quali
a agricultura mineira; os de
s do prédio principal, dormi
e abrigos de campo, para os
ativos departamentos de prá
transferir para Minas Gerais
nos de um estabelecimento
no a Escola Superior de Agra
da Florida ou do Estado de
seria provocar fracasso e des
io de verbas. Seria criar an
a por parte da população ru
Estado, de modo a preveni-la
o ensino agrícola. Continua
a mandar seus filhos a gran
dades para receberem instr
le Direito, Medicina, Farmá
humanidades.

antes de deixar a Florida, ti
ciado o estudo da agricultu
reira, em contato com quatro
iros que se achavam estu
na Universidade da Florida.
nferências com o Ex.^{mo} Sr.
ador do Estado e outros e
ores, compreendeu que a fu
cola devia ter como escopo
no servir à mocidade rural do
, e que não devia ser sim
ente um estabelecimento pa
rução, mas sim para orientar
s que o procurassem.
ciou-se a procura dum local
Escola. O Governo limitou
zer que a Escola devia ser es
a na Zona da Mata, devido
a zona de maior população
la. Nessa escolha deu-se gran
ortância à salubridade local.
comissão de, pelos menos,
rasilheiros, sendo um deles, o
aro da Silveira, juntamente
dr. Rolfs, visitou nove cida
Zona da Mata, estudando o
área de terreno disponível,
mente grande, próxima a u
dade pequena, bem como
outros pontos. Foi escolhi
a comissão a área hoje tão
nhecida. Convém frisar que
era conhecida na cidade
prestando apenas para a pro
de «aroeiras e saúvas». Ini
se as construções. Foi um
o de grandes dificuldades. A
não existia. A única estrad
levava à cidade passava pe
do Cemitério, vindo atra
o Côrego Bartolomeu, atrás
ência do Diretor. Em tempo
o, o único meio de chegar à
era a pé, seguindo a Estrada
o. Somente depois de consi
dois enormes boeiros, co
da a transitar pela avenida,
na no verão de 1924, forma
me lamaçal.
primeiro Diretor acomodou
asa de pau-a-pique, a qual, a
nem vidraça. Era uma velha
fazenda, à beira da Estrada
o, que existia no atual local
neiro carrapaticida.
ando, em janeiro de 1922, se
u devidamente, a colocação
cos tinham fé em assistir as
necessivas pela elevação de
na de suas cumieiras. Che-

gavam toras da mata virgem; a pe
dra era tirada de uma montanha,
mais ou menos a dois quilômetros
acima da Escola, onde se vê hoje
uma pedreira. Os tijolos foram fa
bricados, em sua maioria, no cam
po hoje dedicado à produção de
mudas, entre o ripado da Pomicul
tura e a linha de Ferro. Organizou
se um total de trinta e duas indus
trias. A mobília do prédio principal
foi fabricada quase totalmente aqui
mesmo. As oficinas ocuparam um
grande barracão, mais ou menos
entre o prédio principal e o dormi
tório, próximo à Estrada de Ferro.
Necessário se tornou, mesmo, edu
carem-se operários para todas estas
especialidades.

Os trabalhos agrícolas inicia
ram-se no mesmo ano. Não houve,
entretanto, nesta Zona, burro que
soubesse puxar grade ou cultivad
or. Foi então que o primeiro Dire
tor disse: «os burros daqui não po
dem ser mais burros que os burros
do meu país natal» («Os cinqüenta
anos da Universidade Federal de
Viçosa — II»), e ele próprio adre
tjou a famosa «Roanna» a puxar a
grade, sem que alguém lhe fosse à
frente.

Mereceu especial atenção os
trabalhos contra a saúva. No pri
meiro ano de combate, extingui
ram-se acima de dois mil formiguei
ros no vale principal da Escola, «na
reta» como se chamava naquela
época. Estenderam-se, sucessiva
mente, os trabalhos para os Vales
dos Barbudos e do Xaxá. Hoje, prá
ticamente, não existem formiguei
ros nos terrenos da Escola. Em ja
neiro de 1923, foi plantado, próximo
ao pequeno prédio, construído às
pressas para abrigar a biblioteca do
primeiro Diretor, um único pé da fa
mosa Chalmoogra, «Taraktogenus
kurzii». Com este plantio, inicia
ram-se os trabalhos de aclimação
e domesticação de plantas anti-le
prosas, estudos estes que têm trazi
do fama nacional e internacional ao
Estabelecimento. Somente em fins
de 1923 pôde o Diretor passar a ocu
par a residência que o Estado lhe
construiu. Entre os engenheiros
mais dedicados devemos lembrar,
em primeiro lugar, o dr. Mário
Penna; em segundo, o dr. Honorio
Hermeto da Corrêa Costa e em ter
ceiro o dr. Mário das Neves Machado
que, em muito boa hora, trouxe co
mo seu auxiliar, o dr. Bello Lisbôa.

Em espaço tão limitado não pode
mos expor a carreira brilhante do
dr. Bello Lisbôa. Começando como
Engenheiro-Auxiliar, subiu a En
carregado das Construções, depois,
Vice-Diretor, e, durante oito anos,
Diretor.

Em fins de 1924 e princípios de
1925, o Diretor em gozo de férias
nos Estados Unidos, conseguiu u
ma notável coleção de plantas exó
ticas. Foram oferecidas pelo Depar
tamento da Agricultura dos Esta
dos Unidos, e constituíram o pri
meiro oferecimento de vulto que re
cebeu a Escola. Nesta ocasião fo
ram introduzidas no Brasil, pelo dr.
Rolfs, as primeiras mudas de «Aba
cates de Guatemala», de que temos
conhecimento. Hoje encontra-se,
comumente, dessas frutas nos mer
cados brasileiros.

Tendo assumido a Pasta da Se
cretaria da Agricultura o dr. Djal
ma Pinheiro Chagas, mostrou-se
desejoso de iniciar quanto antes as
aulas na Escola de Agricultura. Por
sugestão do mesmo, sem nenhum
prazo para propaganda, em primei
ro de agosto de 1927, foram inicia
das as aulas, com a assistência de
25 alunos. A princípio dormiam no
porão do prédio principal, aceita
do, alegres, toda espécie de dificul
dades. O primeiro Corpo Docente
foi composto pelo dr. Hermann
Rehagg, professor de Zootecnia; dr.
H. Dipo Soares de Oliveira, profes
sor de Matemática e dr. Diogo Al
ves de Mello. Este último, tendo es
tado nos Estados Unidos, tinha os
títulos de B.S. da Universidade de
Missouri. Continua na ESAV.

Em fins de 1928, concluído o se
gundo contrato, tinha o dr. Rolfs re
solvido a voltar para os Estados U
nidos. Os mineiros não o permiti
ram. Por sua indicação, foi nomea
do como sucessor, o dr. Bello Lis
bôa. Para o dr. Rolfs, foi criado o
cargo de «Diretor Técnico de Agra
cultura», continuando a residir, por
gentileza do dr. Lisbôa, na mesma
casa em que já morava há seis anos.
A sua viagem aos Estados Unidos,
em férias, foi apressada pela doen
ça da dona Effie Rolfs, que veio a fa
lecer em Gainesville, Florida, em 31
de março de 1929. Aqui chegou o ca
bograma na tarde de Páscoa, no
meio de uma disputadíssima parti
da de futebol. Depois do tradicional
almoço de Páscoa, o campo encheu-

se de muitos professores com as res
pectivas famílias, alunos e pessoas
da cidade. Consta que, feito o aviso
aos jogadores, tão grande era a esti
ma e a afeição por dona Effie Rolfs,
que, por acordo geral, sem nehu
ma instrução formal, os jogadores
se retiraram de campo, lamentando
a perda de espírito tão alegre, tão
querido e tão esaviano.

O ano de 1929 marcou também
o início da «Semana do Fazendei
ro», instituição esta ainda desco
nhecida no Brasil e que durante on
ze anos tem trazido, anualmente,
novos amigos e novo estímulo à Es
cola. Destaca-se entre os assisten
tes da «Semana do Fazendeiro», o
dr. Jacynto Soares de Souza Lima,
de Ubá, que muito animou ao dr.
Lisbôa em realizar a primeira Sem
ana, e que todo ano presta, gene
rosamente, seu concurso e prestígio
à Semana.

Por pedido do dr. Lisbôa, Rolfs,
na sua volta dos Estados Unidos,
trouxe três professores americanos
para a Escola. O dr. Rhoad, para a
Zootecnia; dr. Hambleton, para En
tomologia e o dr. Müller para Fito
patologia. Cada um contribuiu ga
lhardamente para o desenvolvi
mento do seu respectivo Departame
nto. Entre os três destacou-se o
último, que aqui permaneceu du
rante sete anos, servindo, por vá
rias vezes como Diretor Interino.
Durante os quatro anos de seu con
trato como Consultor Técnico de A
gricultura, conservou-se o dr. Rolfs
sempre à disposição do Diretor da
Escola, dos seus professores e alu
nos, e dos seus visitantes, para lhes
ser útil de qualquer maneira ao seu
alcance. Dedicou-se também espe
cialmente ao preparo de diversos
estudos agrícolas, baseados nas no
tas colhidas durante vários anos.
Findo o terceiro contrato de quatro
anos, resolveram o dr. Rolfs e sua
filha, dedicar o ano de 1933 ao con
hecimento dos estabelecimentos de
ensino agrícola superior do Brasil, e
dos estabelecimentos dedicados às
pesquisas agrícolas. Visitaram de
zessete Estados, procurando, em
vão, descobrir outra Escola que se
pudesse comparar à ESAV quanto
a serviços prestados à agricultura e
à mocidade rural brasileira. Encon
traram a fama da ESAV em todas
as partes do País, por onde passa
ram».

Carpintaria

A Universidade Federal de Viçosa possui uma moderna carpintaria, equipada com o que há de mais avançado em termos de maquinário para o beneficiamento de madeira. Administrada pelo sr. Moisés Coelho da Fonseca, ela vem prestando inúmeros serviços a todos os setores desta Instituição. Dentro de breves dias, por exemplo, seus oficiais estarão concluindo a confecção de 105 camas e 20 armários (foto), com cinco módulos embaixo e cinco em cima, destinados ao Alojamento Feminino da U.F.V.



Grêmio tem primeira diretoria

Com a presença de vigilantes e funcionários da Universidade Federal de Viçosa, o Grêmio Recreativo dos Amigos da Vigilância da UFV empossou sua primeira Diretoria, dia 1.º do corrente, às 20h, na sede do Serviço de Vigilância (foto).

A Diretoria, que terá mandato de seis meses, conforme infor-

mação do tesoureiro José Mário Duarte, está assim constituída: presidente, João Dias de Carvalho; vice-presidente, José Wanderley Mendes; 1.º secretário, Odilon Gomes Apolônio; 2.º secretário, Nadir Ferreira; 1.º tesoureiro, Itamar Fernandes; 2.º tesoureiro, José Mário Duarte; conselheiros: Antônio Ramos e Alceu Nader.



Torneio de futebol dos funcionários tem rodada domingo

Noturno e Imprensa fazem o jogo principal da segunda rodada do Torneio Perna-de-Pau, que reúne quatro equipes de futebol formadas de funcionários da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Na preliminar estarão jogando 220 e Veneno, a partir de 9h, no Campo da ESA-UFV.

Domingo passado, abrindo o Torneio, o 220 derrotou o Notur-

no por 1 x 0, gol de Fernando Santana. As equipes jogaram assim: 220 — Zé Telefone, Nonote, Márcio, Fernando Santana e Silvío, Custódio e João Batista, Thomé, Sebastião Cardoso, Vicente Melo e Paulo de Freitas. No segundo tempo entraram Roberto, Wantuil e Maia. Noturno — Taião, Titino, Arruda, Dalmy e Geraldo (Luiz), João e Júlio, Orlando (Toninho Maffia), Arnaldo, Bizuca (Abelhar) e Antô-

nio. Juiz: Zander Saraiva.

No jogo principal, a Imprensa derrotou o Veneno por 2 x 0, gols de Flávio (de pênalti) e Toninho Araújo. As equipes jogaram assim: Imprensa — Chiquinho, Paulo Fontes, Muzzi, Hélcio Vaz de Melo e José Carlos, Flávio e José Antônio (Ciro Torres), Futrica, Toninho Araújo, Maurício Barbosa e José Maurício (Paulinho de Freitas). Veneno —

Jafar, Patinho, José Maria, Mota e Antônio Mundel, Prof. Cid e Coronel Ferreira, José Fausto (Geraldo), Prof. Léo, Mauro Martinho e Jocelino (Juca). Juiz: Aloísio Cardoso. As súmulas estiveram a cargo de Wolmar e Pedro Paiva.

Ontem, num match treino, a equipe da Imprensa Universitária venceu o selecionado da Zootecnia por 2 x 1.



A equipe da Imprensa Universitária.



Diversos veteranos jogam na equipe do Veneno



Esta é a representação do 220.



O Noturno Futebol Clube.